

Grande Sertão: Veredas

Guimarães Rosa

3º Geração modernista

A terceira geração modernista, também conhecida como Geração de 1945, desenvolveu temáticas e estéticas diversas às gerações anteriores. Foi a Ruptura com a 1ª e a 2ª fase modernista, experimentação estética e a busca por uma nova expressão literária foram as principais características da terceira geração modernista. A terceira geração modernista, também conhecida como Geração de 1945, desenvolveu temáticas e estéticas diversas às gerações anteriores.

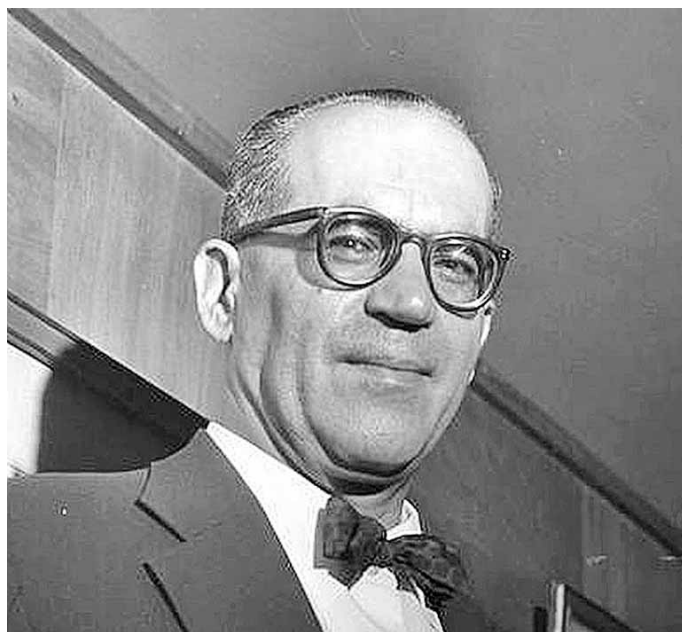


O Autor

Guimarães Rosa

Guimarães Rosa foi um dos escritores brasileiros mais importantes para a geração modernista, chamada de "Geração de 45". Nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, em 1908, e faleceu em 1967.

É possível perceber que sua linguagem se adapta à regionalismos, ao povo. O texto de Rosa é muito influenciado pela linguagem popular. A linguagem, segundo ele, deve estar relacionada à temática. A experimentação marcou sua escrita.



Sinopse

Riobaldo é o protagonista, o personagem-narrador que relata sobre sua vida. Ele faz várias autorreflexões sobre a vida para um doutor que recentemente chegou na fazenda em que vive, a quem ele se refere como Senhor. Apesar da escrita intimidadora, Grande Sertão: Veredas é considerado um dos maiores livros da literatura brasileira. Uma obra extensa com mais de 600 páginas, onde são retratadas as histórias narradas por Riobaldo,

agora um idoso, mas ainda sim um ex jagunço que possui muitas coisas para contar. A narrativa toda se passa no sertão mineiro trazendo assim a linguagem regional, que para aqueles que não a conhecem pode ser confusa e de difícil entendimento. Porém esta confusão era proposital para que essa característica tornasse o sertão algo parecido com um grande labirinto.

- “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera.”

O livro inicia com o narrado por Riobaldo, um sujeito simples, que reflete sobre suas dúvidas, angústias e amores ao contar sua trajetória de vida para um moço que veio da cidade.

- "O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre - o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos. Amén!"

Riobaldo narra suas aventuras, porem o tempo do livro é psicológico e não cronológico, e com a ausência de capítulos pode gerar uma dificuldade de compreensão, mas com o decorrer da leitura é possível compreender a dura vida que o sertanejo enfrentou. Após o falecimento de sua mãe Riobaldo foi morar na fazenda de seu padrinho, Selorico Mendes na fazenda São Gregório, onde ele conta que recebeu tudo do bom e do melhor, e lá ele teve seu primeiro contato com os jagunços. Porém, descobriu que Selorico Mendes, na verdade, era seu pai e não padrinho. Revoltado, fugiu da fazenda e

voltou para o Currálinho, escola onde estudou quando menor. Como era estudioso, recebeu a missão de lecionar a um dono de terras da região, Zé Bebelo. O mesmo era um homem poderoso e com pretensões políticas, queria pôr fim na atuação da jagunçagem, pois assim acreditava que conseguiria garantir seu cargo na política. Foi na fazenda de Zé Bebelo que Riobaldo viu Reinaldo Diadorim. Um dos jagunços do grupo de Joca Ramiro. Logo que depositou seus olhos em Diadorim, Riobaldo se lembrou que já havia o conhecido antes, quando eram ainda pequenos meninos e fizeram um passeio a barco, juntos.

Zé Bebelo o convida para o seguir na missão de acabar com a jagunçagem, o mesmo aceita, mas após um tempo incomodado com a violência a qual os jagunços eram tratados Riobaldo foge, abandonando Zé Bebelo. Entre idas e vindas,

Riobaldo entra no bando de Joca Ramiro, a convite do mesmo. Assim iniciando sua vida na jagunçagem. Após entrar para o grupo de jagunços, ele se depara novamente com Reinaldo Diadorim, encantado com sua beleza, logo narra sobre o verde de seus olhos.

- “O calor do dia abrandava. Naqueles olhos e, tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados.”

A amizade entre Riobaldo e Diadorim se fortalece cada vez mais com o passar do tempo, e assim o novo jagunço começa a desenvolver certo sentimento por seu amigo, porem tenta de alguma forma reprimi-los, pois sabia que não seriam recíprocos já que ambos eram homens.

- "Mas eu gostava dele, dia mais dia mais gostava (...) Era ele estar perto de mim e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho e eu perdia meu sossego."

Em certo momento, Zé Bebelo é capturado pelo bando de Joca Ramiro, porém o líder dos jagunços, ao invés de mata-lo opta por um julgamento. Assim Joca e seu bando chegam a conclusão de que libertariam Bebelo com a condição de que fosse em exílio para Goiás. Todavia, dois dos jagunços ali presentes, Ricardão e Hermógenes, desejavam a

morte de Zé Bebelo e após um período de paz, Joca é traído e assassinado por eles, que passam a serem chamados de “os Judas”. Os jagunços então se unem então com Zé Bebelo, para combaterem os judas e vingarem seu falecido líder. Mas entre todos Diadorim era quem mais parecia ansiar por esta vingança, tornando se obcecado com a mesma.

Mais adiante descobre -se que Diadorim era, na verdade, filho de Joca Ramiro, ou melhor, filha. Reinaldo Diadorim era, na verdade, Maria Deodorina, filha de Joca, que desde pequena cultivava uma enorme admiração por seu pai, desejando ser como ele. Mulheres não podiam ser jagunços, entretanto, Maria queria seguir os passos do pai de qualquer forma, assim abdicou de ser mulher para poder se tornar um jagunço.

Grande Sertão: Veredas com a personagem Diadorim antecipa um assunto que não tinha muita visibilidade naquela época; o empoderamento feminino. Diadorim abdica de sua vida como mulher e prefere se passar de homem justamente porque a condição feminina naquela época era difícil.

Se ela continuasse a viver como Maria Deodorina, não poderia desbravar o sertão como queria. Assim ao se transformar em Reinaldo Diadorim e se misturar em meio aos homens, Maria conseguiu guiar seu próprio destino e se tornou, não só um jagunço, mas conquistou o respeito de todos por ter se tornado um dos melhores do bando.

A relação de bem e o mal, decerto e errado e de Deus e Diabo, é presente na maior parte da obra.

Diadorim representa, simultaneamente, o masculino e o feminino, o celeste e o demoníaco, a certeza e a dúvida. Diadorim era sério, "não se fornecia com mulher nenhuma". Destemido, calado, de feições finas e delicadas, impressionava Riobaldo por suas certezas e coragem.

A questão do bem e do mal na narrativa

A literatura de Guimarães Rosa a princípio passa a impressão de relatar apenas problemas da realidade do sertão quando, na verdade, lida com assuntos que cabem ao mundo todo. Investigam questões metafísicas, como, por exemplo, o significado da vida e a nossa relação com Deus, o Diabo e a Morte. E dentro da narrativa é exatamente a dúvida relacionada a essa questão que tanto incomoda Riobaldo. O diabo realmente existe?

“O que não é Deus, é estado do demônio. Deus existe mesmo quando não há. Mas o demônio não precisa de existir para haver – a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo.”

Ainda durante a guerra entre os "zébebelos" e os "Hermógenes" ocorre o cerco na Fazenda dos Tucanos, quando o grupo de Hermógenes mantém Zé Bebelo e seus homens cativos sob a mira de seus melhores atiradores.

Momentos Sufocantes até mesmo para o leitor, os eventos que se passam durante o cerco são marcados pelo início do confronto entre Riobaldo e Bebelo. Este envia missivas para a guarda nacional pedindo ajuda, o que causa desconfiança no jagunço. Porém, após o pedido de ajuda ser cumprido,

uma trégua de três dias é combinada entre ambos os grupos.

Durante a trégua, os dois grupos se afastam e a desconfiança de Riobaldo só aumenta. E é quando os boatos de que Hermógenes possuía um pacto com o Diabo passam a ser considerados cada vez mais reais. Assim Riobaldo decide que a única forma de conseguir a vitória sobre os Judas é fazer o mesmo. Riobaldo toma conhecimento de uma vereda chamada Veredas-Mortas e vai até lá para encontrar o “bicho”. Fato que representa o impossível tornando-se possível.

‘O Diabo no meio da rua.’

Em uma noite escura, o narrador vai, até a encruzilhada, chama o demônio pelo nome e, não recebe nenhuma resposta, apesar de Riobaldo ter uma notória mudança comportamental após o suposto pacto, não é possível para o leitor afirmar com certeza se isso ocorreu de fato. Durante o período que teria feito o pacto, ele estava sofrendo de altas febres, e o mesmo narra que ao chegar na encruzilhada não obteve resposta, o diabo não se materializou em sua frente ou sussurrou algo, assim tudo pode ou não ter passado de uma alucinação do jagunço por conta de sua doença. Na verdade, nem mesmo Riobaldo tem certeza se o pacto aconteceu ou não, pois como foi dito antes, ele constantemente oscila durante a narrativa sobre a existência e a inexistência do “coisa ruim”, sendo essa uma de suas, senão a maior, dúvida.

Ele faz o conhecido como pacto fáustico, referência a obra clássica da literatura mundial, uma famosa e antiga história que foi recontada por vários autores, onde o personagem vende sua alma para diabo. Uma das versões é sobre o Doutor Fausto de Goethe, onde é o próprio doutor que realiza o pacto e, o demônio aparece na figura de Mefistófeles, uma pessoa comum de carne e osso, assim outra característica da literatura fáustica

é que o diabo não tem a necessidade de aparecer em sua forma real, ou de qualquer outro jeito. A obra de Goethe é que a mesma, acaba por adquirir um significado universal ao materializar o mito do homem moderno, que busca o significado, a sua vida e que precisa tocar o eterno e compreender o misterioso. Características essas muito parecidas com as apresentadas por Guimarães Rosa em Grande Sertão.

A mudança nas atitudes e comportamentos de Riobaldo é tamanha que, ao retornar para o acampamento na manhã posterior à madrugada do suposto pacto, o jagunço desafia Zé Bebelo, e o retira da posição de líder do grupo, tomando seu lugar. A partir desse momento, o jagunço não era mais Riobaldo e sim o Urutu-Branco, seguindo rumo a sua vingança, o grupo liderado agora por ele, finalmente chega ao destino e assim Diadorim trava uma batalha sangrenta com Hermógenes.

E como contava no suposto pacto, Diadorim finalmente conquistou sua tão almejada vingança, mas o golpe fatal não foi sofrido apenas pelo Judas, Reinaldo foi ferido gravemente e acaba por morrer ali diante dos olhos de Riobaldo, que em pânico em ver seu amado partindo, paralisa sem conseguir se juntar à batalha. Há aqueles que interpretam essa cena como se Riobaldo tivesse tomado naquele momento por uma onda de emoção e ansiedade que o fez paralisar, mas, pode ser interpretado de forma que se agora ele, na verdade, estaria possuído pelo diabo, que o impedia de ir ajudar Diadorim.

É no decorrer das últimas páginas que o Riobaldo conta que após a morte de seu amigo, seu corpo é despido e lavado, e só neste momento se descobre que, na verdade, Reinaldo era uma mulher, Maria Deodorina da Fé Bittencourt Marins.

O homem fica extremamente abalado, atormentado pelo remorso, cogita até mesmo voltar para Veredas e fazer outro pacto para pedir ao diabo para que o tempo voltasse para ter Diadorim ao seu lado novamente.

Após o trágico fim de Diadorim, Riobaldo desiste da vida de jagunço e adota um comportamento de devoção espiritual, orientado pelo seu compadre Quelemém, o qual sempre contava suas angústias e pedia concelhos.

Casa-se então com Otacília e se

torna proprietário, ao receber duas fazendas de herança, assumindo, assim, a condição almejada de "homem definitivo".

Se o pacto havia mesmo acontecido, ele já havia sido concretizado, eles haviam vingado Joca Ramiro. Mas qual foi o suposto preço a ser pago? Será que Riobaldo havia vendido a alma de Diadorim e não a

sua? O pacto então era real Mesmo ao chegar ao final do livro, nós leitores não conseguimos ter a certeza de nada, apenas de que

“Sertão: é dentro da gente.”

